

Indústria corta 4,2% do pessoal em fevereiro, na maior queda em 8 anos

São 5 meses seguidos de recuo no emprego. Demissões aumentam folha

Camila Nobrega

• Acompanhando os tombos na produção industrial dos últimos meses, o nível de emprego na indústria brasileira registrou queda de 1,3% em fevereiro. Na comparação com o mesmo mês de 2008, a redução foi de 4,2%, a maior verificada em oito anos, informou ontem o IBGE. Este foi o quinto corte consecutivo no emprego industrial. Desde outubro de 2008, o número de operários na indústria já caiu 5,2%. Neste ano, a redução foi de 3,4% frente ao início de 2008.

A única variação positiva da pesquisa veio na folha de pagamento real (descontando a inflação) que subiu 1,9% tanto na comparação com janeiro, como em relação ao mesmo mês de 2008. No acumulado do ano, houve avanço de 1,2%. No entanto, de acordo com uma das responsáveis pela pesquisa do IBGE, Denise Cordovil, o aumento na folha de pagamento reflete também as demissões no setor:

— A folha é calculada com base nos salários e nos benefícios concedidos. Ou seja, ela contabiliza também as indenizações decorrentes de demissões. Além disso, em fevereiro algumas empresas incluíram na folha o pagamento de participação de lucros aos funcionários.

De acordo com a pesquisa, também houve queda de 0,4% no número de horas pagas. Em relação a fevereiro de 2008, a variação negativa foi ainda maior, chegando a 5,7%. Segundo o economista da UFRJ, João Saboia, apesar de bastante negativo, o resultado não surpreende:

— A queda no emprego é apenas reflexo da retração na produção industrial, em menor escala, porque há uma defasagem entre a redução na produção e as demissões. Porém, a contratação de funcionários também demora mais.

13 dos 14 locais pesquisados enxugaram pessoal

Treze dos 18 setores pesquisados cortaram funcionários em fevereiro, em relação ao mesmo mês de 2008. Os ajustes maiores foram nas indústrias de madeira (-14,8%),

artigos e calçados de couro (-9,6%) e vestuário (-8,9%).

O estudo apontou também que, no confronto com os dados de fevereiro de 2008, 13 dos 14 locais pesquisados promoveram enxugamento de pessoal. As pressões mais sig-

nificativas partiram de São Paulo (-3,6%), Minas Gerais (-5,5%) e região Norte e Centro-Oeste (-6,7%). A exceção ficou com Pernambuco, onde o emprego avançou 0,8%.

Segundo análise do Instituto de Estudos para o Desenvol-

vimento Industrial (Iedi), a queda generalizada, tanto por setores como por localidades, mostra que o nível de emprego na indústria está longe de uma recuperação. Para os economistas do Iedi, se o governo não agir de forma rápida para recuperação do crédito e do ânimo dos consumidores, o país poderá continuar enfrentando uma trajetória descendente no nível de emprego na indústria brasileira.

O economista Saboia concorda com as previsões pessimistas para os próximos meses, já que a produção industrial ainda não apresenta sinais fortes de recuperação:

— As perspectivas para o ano são bastante desfavoráveis. O governo está adotando medidas para estimular a produção e o consumo, mas o cenário, a curto prazo, é complicado. Além disso, a tendência para os próximos meses será o aumento de horas extras nas empresas, que só vão contratar quando a situação se estabilizar. ■